



Arrastada pela enchente, certa vaca destrói os sonhos de uma família quanto ao futuro da filha mais nova; dois irmãos ociosos, cuja casa é inexplicavelmente invadida, recuam aos poucos, sem esboçar reação; um jejuador profissional assiste impotente ao declínio de sua arte em um mundo onde nada mais lhe apetece.

Eis algumas das histórias presentes nesta antologia de contos organizada por um dos mais destacados ficcionistas brasileiros da nova geração.

ORG. **Luiz Ruffato** *Leituras de escritor*

Leituras de escritor

— ORGANIZAÇÃO —

Luiz Ruffato

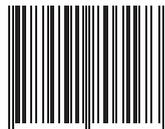
JOÃO ANTÔNIO • IVAN ÂNGELO
LYGIA FAGUNDES TELLES • JUAN RULFO
JULIO CORTÁZAR • ERSKINE CALDWELL
JOÃO ALPHONSUS • CÉSAR VALLEJO
KATHERINE MANSFIELD • FRANZ KAFKA
VIRGINIA WOOLF • LUIGI PIRANDELLO
ANTON TCHEKHOV • MACHADO DE ASSIS

— ILUSTRAÇÕES —

Mariana Zanetti

166706

ISBN 978-85-418-0717-3



9 788541 807173



Leituras de escritor

— ORGANIZAÇÃO —

Luiz Ruffato



Leituras de escritor

— ORGANIZAÇÃO —

Luiz Ruffato

JOÃO ANTÔNIO • IVAN ÂNGELO
LYGIA FAGUNDES TELLES • JUAN RULFO
JULIO CORTÁZAR • ERSKINE CALDWELL
JOÃO ALPHONSUS • CÉSAR VALLEJO
KATHERINE MANSFIELD • FRANZ KAFKA
VIRGINIA WOOLF • LUIGI PIRANDELLO
ANTON TCHEKHOV • MACHADO DE ASSIS

— ILUSTRAÇÕES —

Mariana Zanetti



Juan Rulfo – “Es que somos muy pobres”, *El llano en llamas*

© herdeiros de Juan Rulfo, 2007

Julio Cortázar – “Casa tomada”, *Bestiario*

© herdeiros de Julio Cortázar, 2007

Lygia Fagundes Telles – “O jardim selvagem”, *Meus contos preferidos*

© by Lygia Fagundes Telles

Marcos Bagno – tradução de “Tarde de sábado”, de Erskine Caldwell

© Marcos Bagno

Maurício Santana Dias – tradução de “A heresia cátara”, de Luigi Pirandello

© Maurício Santana Dias

© *Organização* Luiz Ruffato, 2008

Coordenação editorial Fabio Weintraub

Preparação e notas Agnaldo Holanda

Revisão Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Capa Equipe Arte sobre ilustração de Mariana Zanetti

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leituras de escritor / organização Luiz Ruffato; ilustrações
Mariana Zanetti. — 3. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015.
— (Coleção Leituras de Escritor)

Vários autores.

Vários tradutores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-418-0717-3

1. Contos – Coletâneas I. Ruffato, Luiz. II. Zanetti,
Mariana. III. Série.

15-00319

CDD-808.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura 808.83

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

3ª edição março de 2015

4ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

NOTA DO EDITOR: à exceção das notas elaboradas pelos tradutores, indicadas por meio da abreviatura [N. da T.], as demais são notas de edição.

SUMÁRIO

Um leitor privilegiado	6
Literatura como alumbramento	7
Frio <i>João Antônio</i>	10
Menina <i>Ivan Ângelo</i>	22
O jardim selvagem <i>Lygia Fagundes Telles</i>	30
Porque somos muito pobres <i>Juan Rulfo</i>	42
Casa tomada <i>Julio Cortázar</i>	50
Tarde de sábado <i>Erskine Caldwell</i>	60
Galinha cega <i>João Alphonsus</i>	70
Paco Yunque <i>César Vallejo</i>	82
O primeiro baile <i>Katherine Mansfield</i>	104
Um artista da fome <i>Franz Kafka</i>	116
Objetos sólidos <i>Virginia Woolf</i>	130
A heresia cátara <i>Luigi Pirandello</i>	140
Vanka <i>Anton Tchekhov</i>	154
Conto de escola <i>Machado de Assis</i>	162
Referências bibliográficas	174
Sobre o organizador e a ilustradora	175

UM LEITOR PRIVILEGIADO

Aventurar-se por um domínio novo na companhia de um guia experiente, que conhece o “país” a desbravar como a palma da mão — quer coisa melhor? Pois é essa a proposta da coleção LEITURAS DE ESCRITOR: oferecer a jovens leitores antologias de textos curtos organizadas por escritores de renome, que se debruçam sobre a produção alheia impelidos por questões que podem dizer respeito a suas próprias inquietações criativas.

Assim, à parte os critérios tradicionais que costumam presidir a organização de antologias — afinidade temática, escolas literárias, períodos históricos, nacionalidade etc. —, as escolhas aqui foram feitas com base na experiência de um leitor privilegiado, um leitor que é também escritor e que, por conhecer o ofício, transita pelos dois lados da página com igual desenvoltura. Deixando-se então levar por sua memória, por seu gosto pessoal, por sua atenção aos detalhes de estrutura, à composição das personagens, ao manejo da frase, aos ardis do narrador... esse leitor-escritor divide suas impressões, seu assombro e sua alegria com os jovens a quem se dirige, estimulando-os também a confiar na própria sensibilidade para explorar diferentes universos ficcionais.

Além disso, os textos são entremeados por breves comentários do organizador, elaborados com o intuito de fornecer ao jovem informações sobre os autores e seu contexto histórico, destacando elementos-chave para a compreensão da narrativa e, em alguns casos, arriscando interpretações ou convidando o leitor a interrogar-se ao mesmo tempo que interroga a narrativa na qual se embrenha.

Abreviemos, porém, as explicações acerca da viagem que se abre daqui em diante. Viagem sem mapa ou bússola, orientada tão somente pelo conhecimento prático de quem já descobriu serem muitos os percursos possíveis no texto literário e que, nessa floresta de sentidos, a distância a percorrer é sempre maior que a existente entre o começo da primeira linha e o fim da última página.

Os editores

LITERATURA COMO ALUMBRAMENTO

Se, em princípio, parecem infinitas as possibilidades de escolher, em meio às centenas de autores de todos os tempos, um reduzido número deles para formar uma antologia, na prática nossas opções acabam por se restringir drasticamente. Ao longo da vida, nossas predileções vão se firmando e nosso gosto, consolidado, passa a ditar com quem dialogamos. Como leitores, começamos todos mais ou menos da mesma maneira, lendo um ou outro livro por indicação, por curiosidade ou por mero acaso. Mas, a partir de determinado momento, avançamos por meio de nossas próprias decisões.

Meu primeiro livro, por exemplo, caiu em minhas mãos fortuitamente. Filho de um pipoqueiro semianalfabeto e de uma lavadeira de roupas analfabeta, ambos oriundos do campo, nunca tive acesso à leitura em casa. Estudava em um colégio à noite e durante o dia trabalhava para ajudar no orçamento doméstico: até os 12 anos de idade já havia exercido as profissões de caixeiro de botequim e balconista de armarinho, e nos fins de semana auxiliava meu pai no carrinho de pipoca que ele mantinha na Praça Santa Rita, em Cataguases, cidade onde nasci, no interior de Minas Gerais.

Um domingo, na saída da missa, um senhor aproximou-se, comprou um saquinho de pipocas e puxou assunto com meu pai. Perguntou se eu estudava e onde. Diante da resposta, o homem indagou contrariado por que não me inscrevia no Colégio Cataguases (a melhor escola pública da cidade, onde se encontravam os filhos das famílias ricas). Meu pai explicou que lá nunca conseguira vaga, ao que o professor — agora devidamente apresentado — redarguiu afirmando que assumira recentemente a diretoria do colégio e que, portanto, garantia minha matrícula para o ano seguinte.

E em fevereiro de 1973 lá estava eu, uniforme novo, cursando a 7ª série no período da manhã. Tímido, deslocado, vivia me arrastando pelas paredes da escola, na esperança de tornar-me invisível — definitivamente, não conseguia me entrosar com as

outras crianças. Até que busquei refúgio num lugar pouco frequentado, a biblioteca. Ao me observar sempre por ali, a bibliotecária resolveu me oferecer o empréstimo de um livro e entendeu minha mudez assustada — provocada pelo meu acanhamento — como sinal de querença. Para agradá-la, ou melhor, para não decepcioná-la, levei o volume para casa e o li...

A história transcorria a muitos graus abaixo de zero, os nomes dos personagens eram para mim impronunciáveis e o tema era um massacre de 200 mil judeus durante a Segunda Guerra Mundial¹. Eu morava numa cidade cuja temperatura média anual permanece em torno dos 25°C, nunca havia viajado para além de um raio de 250 quilômetros e as mortes violentas na região eram tão raras que adquiriam caráter mítico. Ou seja, tudo conspirava, pela estranheza, para provocar em mim uma profunda rejeição. No entanto, aquela leitura... abriu o Mar Vermelho da ignorância para a passagem das minhas inquietações... Nunca mais, eu soube ao terminar a última página, seria o mesmo...

Por inadaptação e necessidade, deixei o Colégio Cataguases no ano seguinte e voltei a estudar à noite, trabalhando, durante o dia, como operário têxtil. Mas o gosto pela leitura me contaminou para sempre. Não conseguia mais passar um dia sequer sem desejar a febre das palavras de um livro. Minha “esquisitice” se espalhou entre os amigos e no meu aniversário de 14 anos ganhei de presente meus dois primeiros títulos: *Contos*, de Machado de Assis, e *Inocência*, de Visconde de Taunay. Aos 16 anos, formado em tornearia mecânica pelo Senai, deixei Cataguases com o intuito de desbravar aqueles mundos que se me desvelavam a partir das páginas dos livros e que eu imaginava encontrarem-se para além dos morros que cercam minha cidade. Antes de me estabelecer como escritor, labutei como torneiro mecânico, gerente de

¹ O livro, rememorei muitos e muitos anos depois, chama-se *Bábi Iar*, do escritor ucraniano (na época, soviético) Anatoly Kusnetzov (1929-1979), publicado pela editora carioca Civilização Brasileira, em 1969.

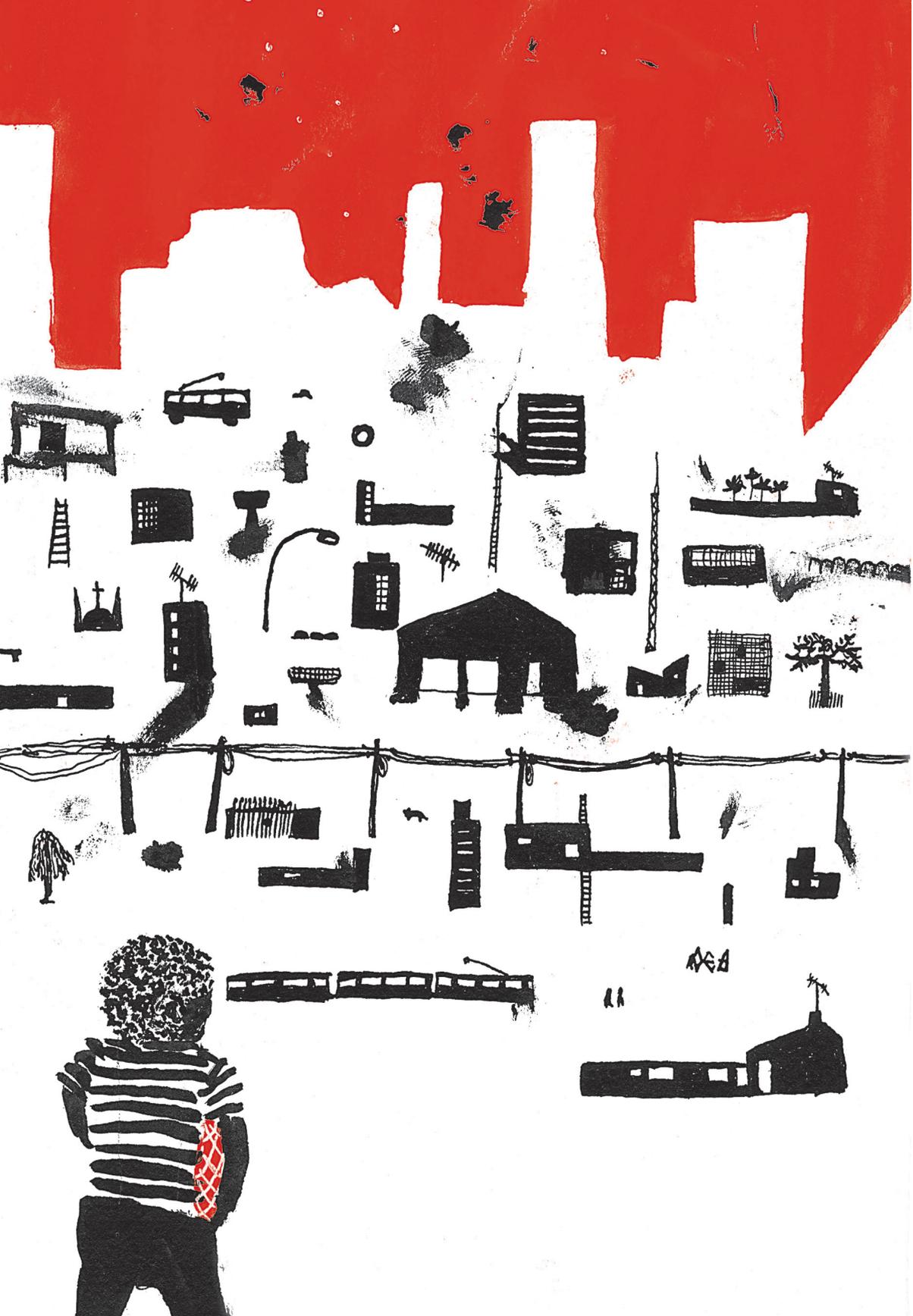
lanchonete, vendedor de livros ambulante, jornalista — sem, um dia que fosse, deixar de prestar minha reverência ao livro.

Li, ao longo da minha vida, centenas e centenas de autores nacionais e estrangeiros e alguns deles se tornaram companheiros constantes — entre eles, três presentes nesta antologia: o brasileiro Machado de Assis (1836-1908), o russo Anton Tchekhov (1860-1904) e o italiano Luigi Pirandello (1867-1936). Para esta coleção, tentei escolher, prioritariamente, contos que tivessem crianças ou adolescentes como protagonistas, flagrados em momentos-chave de suas existências. É assim com “Conto de escola” e “Vanka”, dos já citados Machado de Assis e Tchekhov, “Menina”, de Ivan Ângelo (1936), e também “Frio”, de João Antônio (1937-1996), além de “O primeiro baile”, da neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923), “Paco Yunque”, do peruano César Vallejo (1892-1938), e “Porque somos muito pobres”, do mexicano Juan Rulfo (1917-1986).

Além da questão da injustiça social, que permeia alguns dos contos acima citados — particularmente “Vanka”, “Frio”, “Paco Yunque” e “Porque somos muito pobres” —, alguns outros temas específicos que me preocupam aqui comparecem, como o racismo, discutido em “Sábado à tarde”, do norte-americano Erskine Caldwell (1903-1987), ou o conceito de loucura, tratado em “Objetos sólidos”, da inglesa Virginia Woolf (1882-1941). O insólito que impregna o real é o motivo de “Um artista da fome”, do judeu de expressão alemã nascido em Praga (atual República Tcheca) Franz Kafka (1883-1924), de “Casa tomada”, do argentino Julio Cortázar (1914-1984), e de “O jardim selvagem”, de Lygia Fagundes Telles (1923). Finalmente, para contrabalançar a visão cruel de Pirandello em “A heresia cátara”, o lirismo de João Alphonsus (1901-1944), em “Galinha cega”.

Enfim, meu desejo é que esta antologia provoque em você, leitor, a mesma sensação de alumbramento que mudou um dia um menino, deitado numa poltrona de napa amarela, no calor do verão cataguasense...

Luiz Ruffato



Frio

João Antônio

O menino tinha só dez anos.

Quase meia hora andando. No começo pensou num bonde. Mas lembrou-se do embrulhinho branco e benfeito que trazia, afastou a ideia como se estivesse fazendo uma coisa errada. (Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)

Andando. Paraná mandara-lhe não ficar observando as vitrinas, os prédios, as coisas. Como fazia nos dias comuns. Ia firme e esforçando-se para não pensar em nada, nem olhar muito para nada.

— Olho vivo — como dizia Paraná.

Devagar, muita atenção nos autos, na travessia das ruas. Ele ia pelas beiradas. Quando em quando, assomava um guarda nas esquinas. O seu coraçãozinho se apertava.

Na estação da Sorocabana perguntou as horas a uma mulher. Sempre ficam mulheres vagabundeando por ali, à noite. Pelo jardim, pelos escuros da Alameda Cleveland. Ela lhe deu, ele seguiu. Ignorava a exatidão de seus cálculos, mas provavelmente faltava mais ou menos uma hora para chegar. Os bondes passavam.

Paraná havia chegado com afobação. Nem tirou o chapéu, nem nada. O menino dormia. Chegou-se:

— Nêgo... nêgo!

O menino não queria. Paraná puxou a manta.

— Paraná! Que foi? — acordou chateado.

O homem suado na testa. Barbado. Só explicou que precisava dele. Levar um embrulho às Perdizes. Muito importante. O menino se arrumou fora do colchão furado, meteu o tênis.

— Embrulho? Pra quem?

Paraná fez uma coisa que nunca fizera e que ele não entendeu bem. Fê-lo ficar de pé, pousou-lhe as mãos nos ombros. Sentado na beira da cama. Disse bem devagar.

Ele tinha que ir às Perdizes, encontrar-se lá com Paraná. E não podia perder o embrulhinho. Perguntou-lhe se conhecia uma avenida grande que desce a igreja das Perdizes. Sim. Ele deveria descê-la, três quarteirões. Sim. Tomar cuidado com os guardas. Sim. Lá encontraria um ferro-velho. Sim. Pularia o muro.

— Lembra? Aquela viração do Diogo? Pois. Mudou de dono.

Pulasse o muro e esperasse Paraná aparecer. Havia cama, escondida no barracãozinho de zinco. Se não viesse, ele que dormisse. E acordasse cedo para os donos do ferro-velho não perceberem que a gente dormira lá. Se Paraná não aparecesse deveria ir para o Largo da Barra Funda, lá na casa de Nora. Logo pela manhã.

— O embrulho é sagrado, tá ouvindo?

Paraná apalpou-o, examinou-lhe a roupinha imunda de graxa de sapato. Tirou-lhe o tênis, cortou dois pedaços de jornal e enfiou-os dentro. Embrulhou uma manta verde. Meteu a mão no bolso, deu-lhe duas de dez. Os olhos brilharam:

— Se vira com elas. Olha, se eu não baixar lá...

— Ué, por quê? — o menino interrompeu.

— Nada. O embrulho é nosso, se guenta. Se manca.

Que o abrisse, mas escondesse. Nem Nora poderia mexer. E que se virasse lá na Pompeia, engraxando. O menino teve um estremecimento. Será que os guardas iriam agarrar Paraná? Ouvira contar que a cana é lugar ruim, escuro, onde se apanha muito. Contudo, Paraná era muito vivo, saía-se bem de qualquer galho. Sossegou. Depois, resolveu perguntar se ele apareceria mesmo.

Paraná fez não ouvir. Falou do muro do ferro-velho. Era alto e difícil. Tomasse cuidado. Abriu a porta imunda:

— Se arranca. Se vira de acordo, tá? Olho vivo no embrulho. E depois, lembrando-se:

— Mora, tá frio.

Passou-lhe o embrulho da manta. O menino sentiu as notas no bolso do casacão. Coçou o pixaim:

— Puxa, como é de noite. Tchau.

Paraná respondeu com a mão no ar. O menino meteu o embrulhinho branco entre o suspensório e a camisa. Só ficou o embrulho da manta na mão.

Andou.

* * *

Pequeno, feio, preto, magrelo. Mas Paraná havia-lhe mostrado todas as virações de um moleque. Por isso ele o adorava. Pena que não saísse da sinuca e da casa daquela Nora, lá na Barra Funda. Tirante o quê, Paraná era branco, ensinara-lhe engraxar, tomar conta de carro, lavar carro, se virar vendendo canudo e coisas dentro da cesta de taquara. E até ver horas. O que ele não entendia eram aqueles relógios que ficam nas estações e nas igrejas — têm números diferentes, atrapalhados. Como os outros, homens e mulheres, podem ver as horas naquelas porcarias?

Paraná era cobra lá no fim da Rua João Teodoro, no porão onde os dois moravam. Dono da briga. Quando ganhava

muito dinheiro se embriagava. Não era bebedeira chata, não. Como a do seu Rubião ou a do Aníbal alfaiate.

— Nêgo, hoje você não engraxa.

Compravam *pizza* e ficavam os dois. Paraná bebia muita cerveja e falava, falava. No quarto. Falava. O menino se ajeitava no caixãozinho de sabão e gostava de ouvir. Coisas saíam da boca do homem: perdi tanto, ganhei, eu saí de casa moleque, briguei, perdi tanto, meu pai era assim, eu tinha um irmão, bote fé, hoje na sinuca eu sou um cobra. Horas, horas. O menino ouvia, depois tirava a roupa de Paraná. Cada um na sua cama. Luz acesa. Um falava, outro ouvia. Já tarde, com muita cerveja na cabeça, é que Paraná se alterava:

— Se algum te põe a mão... se abre! Qu'eu ajusto ele.

Paraná às vezes mostrava mesmo a tipos bestas o que era a vida.

O menino sabia que Paraná topava o jeito dele. E nunca lhe havia tirado dinheiro.

Só por último é que ele passava os dias fora, girando. Era aquela tal Nora e era a sinuca. A sinuca, então... Paraná entrava pelas noites, varava madrugada, em volta da mesa. Voltava quebrado, voltava que voltava verde, se estirava na cama, dormia quase um dia, e não queria que o menino o acordasse.

Só por último é que andava com fulanos bem vestidos, pastas bonitas debaixo do braço. Mãos finas, anéis, sapatos brilhando. Provavelmente seriam sujeitos importantes, cobras de outros cantos. O menino nunca se metera a perguntar quem fossem, porque davam-lhe grojas¹ muito grandes, à toa, à toa. Era só levar um recado, buscar um maço de cigarros... Os homens escorregavam uma de cinco, uma de dez. Uma sopa. Ademais, Paraná não gostava de curioso. Mas eram diferentes de Paraná, e o menino não os topava muito.

¹ Gorjetas.

Ele sempre sentia um pouco de medo quando Paraná estava girando longe. Fechava-se, metia um troço pesado atrás da porta. Ficava até tarde, olhando os cavalos da revista de turfe de Paraná. Muito altos, espigados, as canelas brancas, tão superiores ao burro Moreno de seu Aluísio padeiro. Só com os soldados, à noite, é que via coisa igual. Fortes e limpos. Fazendo um barulhão nos paralelepípedos.

— Que panca!

Muita vez, sonhava com eles.

* * *

Havia Lúcia, a menina branca, e havia seu Aluísio padeiro. Gostavam dele. O resto eram pessoas que passavam na Rua João Teodoro com muita pressa. Também um meganha que vinha engraxar os coturnos. Dava sempre gorjeta. Esse, entretanto, não falava muito.

Lúcia era menor que ele e brincava o dia todo de velocípede pela calçada. Quando alguma coisa engraçada acontecia, eles riam juntos. Depois, conversavam. Ela se chegava à caixa de engraxate. O menino gostava de conversar com ela, porque Lúcia lhe fazia imaginar uma porção de coisas suas desconhecidas: a casa dos bichos, o navio e a moça que fazia ginástica em cima duma balança — que o pai chamava de trapézio. Na sua cabeça, o menino atribuía à moça um montão de qualidades magníficas.

Seu Aluísio vivia brincando com todas as crianças que encontrava. Era só ver criança. Uma conversa gozada, mexendo na cara o bigode poento. Piadas sem graça, chochas. O menino gostava era do jeito que seu Aluísio tinha para contá-las. Terminava e ria primeiro que os ouvintes. Paraná deixava que o menino se entretivesse com ele.

Para o menino, todas as outras pessoas eram tristes, atarefadas na pressa da Rua João Teodoro. Afobadas e sem graça.

Frio. Quando terminou a Duque de Caxias na Avenida São João. O pedaço de jornal com que Paraná fizera a palhinha não impedia a friagem do asfalto. Compreendeu que os prédios, agora, não iriam tapar o vento batendo-lhe na cara e nas pernas. Andou um pouco mais depressa. Olhava para as luzes do centro da avenida, bem em cima dos trilhos dos bondes, e pareceu-lhe que elas não iriam acabar-se mais. Gostoso olhá-las.

Que bom se tomasse um copo de leite quente! Leite quente, como era bom! Lá na Rua João Teodoro podia tomar leite todas as tardes. E quente. Mas precisava agora era andar, não perder a atenção.

— Paraná já deve tá na boca de espera.

O menino preto tinha um costume: quando sozinho, falar. Comparava os cavalos taludos e a moça da ginástica e as coisas da Rua João Teodoro. Desnecessário conhecer coisas para comparar. Cuidava que os outros não o surpreendessem nos solilóquios. Desagradável ser pilhado. Impressão de todos saberem o que se passava com ele — pensamento e fala. Paraná também achava que aquilo era mania de gente boba. É. Não devia. Mas era muito bom. O menino se achava muito bem, quando podia estar daquele jeito.

Eta frio! Tinha medo. Alguém poderia vê-lo sacar uma de dez. Que vontade! Arriscou. Num bar da Marechal Deodoro. Entrou sorrateiro, encostou-se no balcão. Só um casal numa mesa, falando baixinho e bebendo cerveja. Tremelicou, bebeu, pegou o troco, duas horas no relógio do bar. Cansaço, com sono. Por que diabo todos os relógios não eram como aquele, grande e fácil? Entretanto, não se deteve nesses e noutros pensamentos. Mais meia hora de chão, e se Paraná não viesse?... Teria que acordar muito cedo. Escapular bem escapulido para os caras que compraram o ferro-velho